

## Razões para Aposentar e Satisfação na Aposentadoria

Silvia Miranda Amorim  & Lucia Helena França\* 

*Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói, RJ, Brasil*

**RESUMO** - O objetivo desse estudo foi verificar evidências de validade do inventário de satisfação na aposentadoria (RSI) para os brasileiros e sua invariância em função de sexo, idade, escolaridade, estado civil, renda e região do país, além de investigar se as razões para aposentar influenciariam a satisfação na aposentadoria. Participaram 1002 aposentados, 44 a 88 anos, homens e mulheres. As análises indicaram o RSI sendo subdividido em duas escalas: i) escala de satisfação na aposentadoria e ii) razões para aposentar com boas características psicométricas, sendo a última escala preditora da primeira. Os instrumentos apresentaram uma estrutura diferente da encontrada em outros países, porém demonstraram aplicabilidade no contexto brasileiro, principalmente, na avaliação de intervenções como programas de preparação para a aposentadoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** aposentadoria, satisfação, envelhecimento, organizações

## Reasons for Retirement and Retirement satisfaction

**ABSTRACT** - This study aims to verify the validity of the retirement satisfaction inventory (RSI) for Brazilians and its invariance with regard to gender, age, education, marital status, income and region of the country, and to investigate whether the reasons for retirement influence a person's retirement satisfaction. A total of 1,002 retirees participated in the study, including both men and women ranging in age from 44 to 88. The analyses indicated RSI being subdivided into two scales: i) the scale of satisfaction with retirement, and (ii) the reasons for retirement with good psychometric characteristics. The latter was found to be a predictor of the former. The instruments were structured differently than in other countries, but they were shown to be applicable in the Brazilian context, especially with regard to assessing interventions such as retirement preparation programs.

**KEYWORDS:** retirement, satisfaction, aging, organizations

O fenômeno do envelhecimento populacional tem ocorrido em vários países, gerando um aumento no número de estudos voltados para esse assunto. Tal mudança ocorreu principalmente devido à queda nas taxas de mortalidade e natalidade, além das melhoras na qualidade de vida da população (World Health Organization [WHO], 2018).

O Brasil vivencia um processo de envelhecimento acelerado, sendo que a expectativa de vida aumentou de 54 para 75 anos apenas entre os anos de 1960 a 2016, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Trata-se de um motivo de celebração, porém com muitos desafios a serem enfrentados. Além das necessidades de cuidados básicos à população idosa, o aumento do número de pessoas que podem se aposentar e que provavelmente viverão por muitos anos na condição de aposentados requer atenção (WHO, 2018). A aposentadoria é um período complexo e decisivo para os indivíduos que

a vivenciam, sendo necessária uma atuação direcionada à promoção de bem-estar a essa população (França & Hershey, 2018; Yeung & Zhou, 2017).

Desse modo, o bem-estar tem sido relacionado à vivência em condições adequadas diante da cultura, valores e expectativas individuais, sendo a psicologia positiva seu principal aporte teórico, focando nas virtudes e nas qualidades humanas como contraponto à doença e ao sofrimento (Silva & Boehs, 2017). Os estudos sobre bem-estar possuem duas abordagens distintas: o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico (Mendonça, Ferreira, Porto, & Zanini, 2012). A abordagem do bem-estar subjetivo busca compreender as avaliações que as pessoas fazem das suas vidas (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 2000; Diener, Eunkook, Richard, & Heidi, 1999). Estes autores desenvolveram a ideia de bem-estar como a composição entre as emoções e os julgamentos globais ou de domínios

\* E-mail: [lucia.franca@gmail.com](mailto:lucia.franca@gmail.com)

■ Submetido: 02/07/2018; Aceito: 20/04/2019.

importantes da vida. Esse conceito de bem-estar articula uma perspectiva que considera uma teoria sobre afetos (positivos ou negativos) e outra que se sustenta na cognição e se operacionaliza por avaliações de satisfação.

A inclusão da psicologia positiva nos estudos sobre aposentadoria ainda é discreta. A satisfação na aposentadoria tem sido conceituada como um senso subjetivo de bem-estar, indicando como o indivíduo percebe sua qualidade de vida nesse momento. Sendo assim, o conceito de satisfação na aposentadoria considera mais as experiências de vida e a qualidade da aposentadoria do que as condições de vida do aposentado (Dorfman, 1995; Quick & Moen, 1998). Ao contrário do ajuste ou adaptação à aposentadoria, a satisfação na aposentadoria não representa um processo, mas um indicador de bem-estar e contentamento com a vida de aposentado (Price & Joo, 2005). Van Solinge e Henkens (2008) diferenciam os construtos alegando que seria possível, por exemplo, ajustar-se à situação de aposentado sem estar satisfeito ou aproveitá-la.

Os estudos recentes sobre o bem-estar na aposentadoria tem considerado dimensões relacionadas aos recursos pessoais como a saúde (Amorim, França, & Valentini, 2017), a condição financeira (França & Hershey, 2018), os relacionamentos sociais e familiares (Price & Joo, 2005), os aspectos psicológicos e motivacionais (Van Solinge & Henkens, 2008), as atividades de lazer realizadas (Amorim et al., 2017; Earl, Gerrans, & Halim, 2015), entre outros. Além do mais, estudos ressaltam o impacto no bem-estar de diferenças com relação às características sociodemográficas como idade, gênero, escolaridade, status conjugal e renda familiar (Cho & Lee, 2013; Noone, O'Loughlin, & Kendig, 2013; Pinguart & Schindler, 2007; Price & Joo, 2005; Quick & Moen, 1998; Van Solinge & Henkens, 2008). Dingemans e Henkens (2015) e Price e Joo (2005), por exemplo, encontraram diferenças entre possuir ou perder um parceiro durante a aposentadoria, enquanto Pinguart e Schindler (2007) observaram o declínio da satisfação no decorrer da idade. Esses autores, porém, ressaltam a importância de estudar essas variáveis em contextos culturais e de recursos específicos.

A forma como a aposentadoria foi realizada e os motivos que levaram o indivíduo a sua decisão também influenciam a percepção de bem-estar. Alguns estudos demonstram, por exemplo, o efeito negativo que pode acarretar uma decisão tomada sem planejamento e involuntariamente (Dingemans & Henkens, 2015; Earl et al., 2015; Yeung & Zhou, 2017). É ressaltado ainda que as pessoas possam ser influenciadas na decisão da aposentadoria por questões familiares e individuais, sejam elas relacionadas à situação financeira, de saúde, educacionais, do trabalho ou da organização onde atua ou atuava (Dal Bianco, Trevisan, & Weber, 2015; Guerson, França, & Amorim, 2018; Noone et al., 2013; Pinguart & Schindler, 2007; Ruzik-Sierdzińska, 2018; Yeung & Zhou, 2017).

Apesar das contribuições recentes para o avanço da literatura sobre o tema, ainda existem muitas lacunas relacionadas aos instrumentos relacionados à aposentadoria. No Brasil, o desenvolvimento de instrumentos parece ser mais relacionado aos antecedentes e ao planejamento para a aposentadoria (França, 2008; Leandro-França, Murta, & Iglesias, 2014; Rafalski & Andrade, 2017). Com relação à satisfação com a vida ou bem-estar, a maioria dos estudos desenvolvidos até o momento, nacionais e internacionais, se reportou a avaliações globais do construto (Amorim & França, no prelo; Cho & Lee, 2013; Dingemans & Henkens, 2019; Earl et al., 2015; Noone et al., 2013).

Até o momento, só foram localizados dois instrumentos (internacionais) de satisfação na aposentadoria. O primeiro instrumento desenvolvido na área foi o *Retirement Descriptive Index* (RDI; Smith, Kendall, & Hulin, 1969), que avalia a satisfação no trabalho e na aposentadoria por meio de itens sobre a atividade e trabalho, situação financeira, saúde e relações interpessoais. Quase três décadas após a criação do RDI, Floyd et al. (1992) desenvolveram um inventário específico para a satisfação na aposentadoria, o *Retirement Satisfactory Inventory* (RSI). Este segundo instrumento considera o funcionamento do trabalho antes da aposentadoria, adaptação às mudanças, razões para a aposentadoria, satisfação com a vida na aposentadoria, fontes de diversão e lazer e atividades físicas.

O RSI foi desenvolvido através de entrevistas semiestruturadas com 40 americanos, produzindo um inventário de 51 itens (Floyd et al., 1992). No mesmo estudo, o inventário foi testado em 302 aposentados, sendo que a análise fatorial produziu três dimensões consistentes internamente e confiáveis (razões para aposentadoria, satisfação com a vida na aposentadoria e fontes de lazer). Ainda na década de 1990, o RSI foi adaptado para a população de aposentados franceses (Fouquereau, Fernández, & Mullet, 1999) e, recentemente, para aposentados espanhóis (Muñoz, Díaz, & la Hela, 2011), alcançando boas evidências de validade nas duas ocasiões.

De forma a minimizar as lacunas existentes, o objetivo geral desse estudo foi traduzir e validar o RSI para uma amostra de aposentados brasileiros. Os objetivos específicos foram: (i) verificar as evidências de validade do RSI para aposentados brasileiros; (ii) verificar a influência das razões para aposentar na satisfação na aposentadoria; e (iii) verificar a invariância dos instrumentos em função do sexo, idade, escolaridade, renda e região de moradia, vez que um pressuposto estatístico importante é que os instrumentos sejam válidos de igual forma entre os sujeitos da amostra (Valentini, Franco, & Iglesias, 2017).

O presente estudo pretendeu contribuir com a literatura de três formas. Primeiro, representa um avanço no desenvolvimento de avaliações de satisfação com a vida para grupos específicos da população, considerando suas crenças, valores, objetivos e necessidades (Diener, et al., 2000; Diener, et al., 1999). Segundo, a tradução deste instrumento

para aposentados brasileiros possibilita sua aplicabilidade e comparação em diferentes contextos (Poortinga, 1989). Por fim, ele aprofundou o tema da satisfação na aposentadoria,

cuja necessidade já havia sido ressaltada em estudos anteriores (Amorim & França, 2019; Siguaw, Sheng, & Simpson, 2016).

## MÉTODO

### Participantes

Participaram da pesquisa 1002 aposentados, residentes em todo o Brasil. A amostra tinha mais mulheres (54%), com idade variando entre 44 e 88 anos, e média de 62 anos (DP=6,59). Com relação à escolaridade, a maior parte dos participantes possuía ensino superior e um terço possuía pós-graduação. Um quarto possuía o ensino médio e a minoria tinha o ensino fundamental (3%). A maior parte dos participantes vivia casada ou com parceiros (73%) e a minoria declarou-se solteira, divorciada ou viúva (27%).

Questionados sobre a renda familiar mensal, boa parte dos participantes recebia acima de nove salários mínimos (42,7%), seguida de um grupo com quase o mesmo percentual (43,6%) que recebia de três a nove salários mínimos e um percentual pequeno de participantes (13,7%) recebia até três salários mínimos. Tal distribuição de renda não retrata o que ocorre no país onde um grande percentual recebe a menor parcela salarial.

Coerente com a distribuição populacional dos aposentados brasileiros (IBGE, 2017) a maior parte da amostra residia na região sudeste (43,5%), seguida por um quarto na região nordeste, 17,5% na região sul, 9,4% na região centro-oeste e 5% na região norte. No momento da coleta de dados, a maioria (74%) dos participantes estava aposentada definitivamente e um quarto ainda trabalhava.

Para a realização das análises fatoriais exploratórias e confirmatórias foram criadas, aleatoriamente, por randomização estratificada pela região de moradia, duas subamostras da amostra total: respectivamente de 401 aposentados e 601 aposentados. Os dados da amostra geral e subamostras podem ser observados na tabela 1.

### Instrumentos

**Satisfação na aposentadoria.** A satisfação na aposentadoria foi medida, neste estudo, por uma versão adaptada do *Retirement Resources Inventory* (RSI), desenvolvido por Floyd et al. (1992). A versão original trata de um inventário de 51 itens agrupados em três escalas consistentes internamente e com índices moderados de confiabilidade no intervalo de 14 dias (0.56 – 0.77) [Razões para aposentadoria (0.61 – 0.80); Satisfação com a vida na aposentadoria (0.57 – 0.78) e Fontes de lazer (0.65 – 0.83)].

Para essa pesquisa, os itens da escala de fontes de lazer foram agregados aos itens da escala de razões para aposentar,

gerando um inventário composto por duas escalas: (i) razões para aposentar; e (ii) satisfação com a vida na aposentadoria. No que se refere à escala de razões para aposentar, foram inseridos os itens: “Por conta da saúde debilitada de pai, mãe, sogra, sogro ou parente próximo” e “Participação em outros grupos e associações”. Tais itens foram incluídos com o objetivo de abarcar a importância dos relacionamentos sociais para os brasileiros, baseado em estudos anteriores que demonstram a importância desse aspecto para os aposentados brasileiros (Amorim et al., 2017; França, 2008; Rafalski & Andrade, 2017). Dessa forma, a escala passou de 29 a 31 itens.

Com relação à escala de satisfação com a vida na aposentadoria, foram incluídos os itens: “Situação dos serviços de lazer disponíveis”; “Acesso à educação”; “Respeito à dignidade do cidadão”; “Acessibilidade urbana” e “Qualidade do ambiente”. Tais itens foram incluídos com o objetivo de abarcar relevantes indicadores sociais, com embasamento teórico no construto da qualidade de vida coletiva, que postula a necessidade do indivíduo avaliar sua vida considerando não apenas seus recursos individuais, mas os serviços e o ambiente que lhe é oferecido pela sociedade onde vive (França, 2008). Além disso, os itens “Relacionamentos com família (pais)” e “Relacionamentos com a família (filhos, netos)” passaram a compor o único item “Sua relação com familiares (pais, irmãos, sogros, noras, genros, etc.)” com o objetivo de tornar a escala mais parcimoniosa. Ao final, essa escala totalizou 15 itens.

### Procedimentos

**Tradução.** Para a tradução do RSI foi adotado o procedimento de tradução e retrotradução (back-translation), que consiste na tradução dos itens para o português do Brasil, seguida da tradução dessa versão novamente para o inglês (idioma original) e da comparação dessas duas versões, com o intuito de se verificar a equivalência conceitual entre as duas versões em inglês (Yu & Yang, 2015). A escala primeiramente foi traduzida por dois psicólogos brasileiros, fluentes em inglês, ambos pesquisadores na temática da aposentadoria. A retrotradução das versões foi realizada por um psicólogo, brasileiro, residente na Europa e fluente em português e inglês. A comparação entre a versão original, tradução, retrotradução e adaptação ao contexto brasileiro foi realizada por um grupo de quatro psicólogos brasileiros, pesquisadores nesta temática.

Tabela 1

Características da Amostra Total e Sub Amostras

Variáveis	Amostra total (n = 1002)	Subamostra 1 (n = 401)	Subamostra 2 (n = 601)
<b>Sexo</b>			
Masculino	46,2	39,7	50,5
Feminino	53,8	60,3	49,5
<b>Idade</b>			
Média (Desvio Padrão)	61,9 (6,6)	61,6 (6,3)	62,1(6,8)
44 a 55 anos	16,1	16,7	15,5
56 a 65 anos	56,6	56,7	55,6
66 a 75 anos	23,7	23,3	25,0
76 a 88 anos	3,6	1,8	3,8
<b>Estado Civil</b>			
Casado ou em parceria estável	73,0	69,8	75,1
Solteiro, divorciado ou viúvo	27,0	30,2	24,9
<b>Escolaridade</b>			
Alfabetização	0,3	-	0,5
Ensino Fundamental	2,6	1,7	3,2
Ensino Médio	25,2	24,7	25,5
Graduação	42,2	40,1	43,5
Pós-graduação	29,8	33,4	27,3
<b>Renda</b>			
Até 1 salário mínimo	1,8	1,7	1,8
De 1 a 3 salários mínimos	11,9	12,0	11,8
De 3 a 6 salários mínimos	23,5	22,4	24,2
De 6 a 9 salários mínimos	20,1	24,7	17,0
De 9 a 12 salários mínimos	16,4	14,5	17,7
De 12 a 15 salários mínimos	10,2	10,0	10,3
Acima de 15 salários mínimos	16,1	14,7	17,2
<b>Região</b>			
Sul	17,5	18,0	17,2
Sudeste	43,5	43,4	43,5
Centro-oeste	9,4	9,0	9,7
Nordeste	24,9	24,9	24,8
Norte	4,8	4,7	4,8

**Coleta de dados.** A pesquisa foi submetida ao Comitê Ético de Pesquisa da instituição dos autores e aprovada sob o número CAAE n. 51932015.5.0000.5289. Todos os participantes foram tratados de acordo com os procedimentos éticos especificados pela *American Psychological Association* (APA). Após sua aprovação, a coleta foi realizada on-line, utilizando-se de um formulário na plataforma *GoogleDocs*. Os aposentados foram convidados por mensagens e e-mails, localizados após a divulgação da pesquisa nas redes sociais, com a colaboração de empresas e associações, e utilização do recurso da bola de neve, no qual os próprios participantes encaminhavam o formulário a outros aposentados (Costa, 2018). Os respondentes que aceitaram participar da pesquisa, tiveram acesso e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contendo

todas as informações necessárias sobre a pesquisa, sendo garantidos o sigilo das informações e seu anonimato. O único critério de inclusão era ser aposentado.

### Análise de Dados

Inicialmente foi realizada a limpeza do banco de dados e a verificação de casos omissos e extremos, sendo que não houve omissão em nenhuma questão. Por se tratar da primeira aplicação do RSI no contexto brasileiro, optou-se pela realização de análises fatoriais exploratórias (AFE) utilizando uma subamostra de 401 participantes, através do *software Factor* versão 10. Em seguida, foram realizadas análises fatoriais confirmatórias (AFC) com a subamostra

de 601 participantes, com a finalidade de identificar o modelo de melhor ajuste, utilizando-se o software MPlus versão 6. Tanto na AFE quanto na AFC, os índices de ajuste *comparative fit index* (CFI), *goodness-of-fit index* (GFI), *tucker-lewis index* (TLI), *root mean square error of approximation* (RMSEA), qui-quadrado e *weighted root mean square residual* (WRMR) foram avaliados de acordo com Byrne (2001) sobre modelos bem ajustados.

Para testar as diferenças de médias e variâncias entre grupos, foi realizada a análise fatorial multigrupos por meio do Software R versão 3.1.2, pacote R Studio versão 0.99.892. Na busca por evidências de validade interna foram realizadas correlações entre os fatores do RSI e a análise da variância média extraída. Foram consideradas correlações baixas (entre 0,10 e 0,29), moderadas (0,30 e 0,49) e elevadas (maior que 0,50) como sugerido por Miles e Shevlin (2001).

## RESULTADOS

Com o objetivo de confirmar ou refutar a estrutura proposta do instrumento, foram realizadas análises fatoriais exploratórias e confirmatórias das escalas (razões para se aposentar e da escala de satisfação na aposentadoria) separadamente.

### Análises Fatoriais Exploratórias

Para as análises fatoriais exploratórias foram considerados os resultados apresentados pela análise paralela, na qual a lógica é que os *eigenvalues* empíricos devem ser maiores do que os aleatórios, o que indica a extração dos fatores antes que *eigenvalues* aleatórios se tornam maiores do que os empíricos. Foi utilizada a rotação *oblimin*, mais indicada para variáveis correlacionadas e consideradas as communalidades acima de 0,20 (Damasio, 2012).

Com relação à escala de razões para se aposentar, que possuía originalmente 31 itens, foram excluídos 13 itens pelo critério das communalidades e, ao final, foi encontrada uma estrutura de três fatores e 19 itens, que explicaram 58% da variância total, com índices de ajuste aceitáveis ( $\chi^2(\text{gl})=532,9(171)$ ; CFI= 0,89; RMSR = 0,09) (ver tabela 2). A estrutura encontrada possibilitou denominar os três fatores como: (i) tempo para os relacionamentos; (ii) redução do estresse; e (iii) tempo para outras atividades.

Com relação à escala de satisfação na aposentadoria, 14 itens se mantiveram numa estrutura de três fatores, que explicaram 65% da variância total com bons índices de ajuste ( $\chi^2(\text{gl})=244,1(52)$ ; CFI= 0,93; RMSR = 0,06) (ver tabela 3). A estrutura encontrada possibilitou denominar os fatores: (i) satisfação com os recursos individuais; (ii) satisfação com os relacionamentos; e (iii) satisfação com recursos coletivos.

Tabela 2

Cargas Fatoriais e Comunalidades dos Itens da Escala de Razões para se Aposentar (n=401)

Itens	Cargas fatoriais			h <sup>2</sup>
	F1	F2	F3	
1. Para ter tempo para os próprios interesses	0,85			0,76
2. Para ter controle sobre a vida	0,75			0,67
3. Para ter tempo para a família	0,75			0,57
4. Para ter tempo com os amigos	0,72			0,59
5. Para dar espaço aos mais jovens	0,38			0,23
6. Por poder sustentar-se com a aposentadoria	0,37			0,24
11. Por conta do estresse excessivo do trabalho		0,56		0,31
20. Para viajar mais		0,42		0,42
21. Para cuidar mais de mim		0,58		0,64
22. Para ter menos estresse		0,86		0,79
23. Para relaxar mais		0,82		0,85
24. Para não ter que trabalhar		0,47		0,23
25. Para não ter chefe para obedecer		0,49		0,27
26. Para ficar mais sozinho		0,36		0,22
27. Para fazer trabalho voluntário			0,66	0,47
28. Para ter tempo para outras atividades			0,34	0,57
29. Para participar de grupos de aposentados			0,70	0,51
30. Para participar de outros grupos ou associações			0,88	0,78
31. Para ter tempo para refletir			0,49	0,43

Tabela 3

Cargas Fatoriais e Comunalidades dos Itens da Escala Satisfação na Aposentadoria (n=401)

Itens	Cargas Fatoriais			h <sup>2</sup>
	F1	F2	F3	
1. Saúde física	0,79			0,60
2. Segurança pessoal	0,72			0,59
3. Prática de atividades físicas	0,68			0,47
4. Situação financeira	0,69			0,50
5. Qualidade da residência	0,66			0,90
6. Saúde do cônjuge ou companheiro		0,93		0,91
8. Situação conjugal (casado/parceiro)		0,93		0,43
9. Situação dos serviços de educação e saúde			0,75	0,65
10. Situação dos serviços comunitários			0,67	0,63
11. Situação dos serviços de lazer			0,70	0,66
12. Qualidade do ambiente			0,70	0,59
13. Acessibilidade urbana			0,83	0,70
14. Acesso à educação			0,83	0,74
15. Respeito à dignidade do cidadão			0,80	0,66

## Análises Fatoriais Confirmatórias

A fim de confirmar as análises exploratórias foram realizadas análises fatoriais confirmatórias, utilizando-se uma amostra de 601, selecionados aleatoriamente. Em todos os modelos foi utilizado o estimador de médias ponderadas dos mínimos quadrados e a estimativa de variância ajustada (WLSMV), considerado um refinamento do estimador de mínimos quadrados ponderados (WLS) por assumir que as variáveis ordinais observadas resultam de um conjunto de variáveis contínuas subjacentes com o menor nível de viés (Beauducel & Herzberg, 2006).

Foram encontrados índices de ajuste aceitáveis para a escala de razões para se aposentar ( $\chi^2(\text{gl})= 1093,45(149)$ ; CFI= 0,82; TLI=0,79; RMSEA=0,10) e bons índices para a escala de satisfação na aposentadoria ( $\chi^2(\text{gl})= 507,62(74)$ ; CFI= 0,90; TLI=0,88; RMSEA=0,01). O modelo das razões para se aposentar como preditor da satisfação na aposentadoria apresentou bons índices de ajuste ( $\chi^2(\text{gl})= 1952,17(488)$ ; CFI= 0,94; TLI=0,93; RMSEA=0,07), como apresentado na figura 1.

## Validade do Modelo

Após a identificação do modelo de melhor ajuste por meio da modelagem por equações estruturais, foram calculadas a variância média extraída (VME) e as correlações entre as variáveis latentes (tabela 4). A VME indicou que os fatores explicaram, em média, mais de 50% da variância dos itens. No que se refere às relações entre variáveis, percebe-se que os valores de VME foram superiores aos

coeficientes de determinação ( $r^2$ ) entre as variáveis latentes (ou seja,  $VME > r^2$ ). Esses resultados indicam a ausência de multicolinearidade e evidências de validade interna dos instrumentos e seus fatores.

## Análises de Invariância

As análises de invariância foram realizadas com o objetivo de testar diferenças de médias e variâncias entre os grupos das variáveis: sexo, escolaridade, renda familiar e região do país. Segundo Valentini, et al. (2017) a invariância configural envolve um modelo com número de fatores e itens fixos; a invariância métrica envolve cargas fatoriais fixas; e a invariância escalar envolve interceptos fixos.

Com relação à escala de razões para se aposentar, os resultados do teste de qui-quadrado foram significativos para as invariâncias configural, métrica e escalar com relação às variáveis sexo, idade, estado civil, escolaridade e região do país, o que indicaria heterogeneidade decorrente dessas variáveis. Apesar disso, os índices de ajuste dos modelos não foram adequados aos dados, sustentando o modelo de invariância para este instrumento.

Com relação à escala de satisfação na aposentadoria, os resultados do teste de qui-quadrado não foram significativos para as invariâncias configural, métrica e escalar com relação às variáveis idade, estado civil, escolaridade e região do país, o que indicaria heterogeneidade decorrente dessas variáveis. Com relação à variável sexo, além do teste de qui-quadrado ter sido significativo, os índices de ajuste do modelo foram razoáveis, indicando possível variância, como observado na tabela 5.

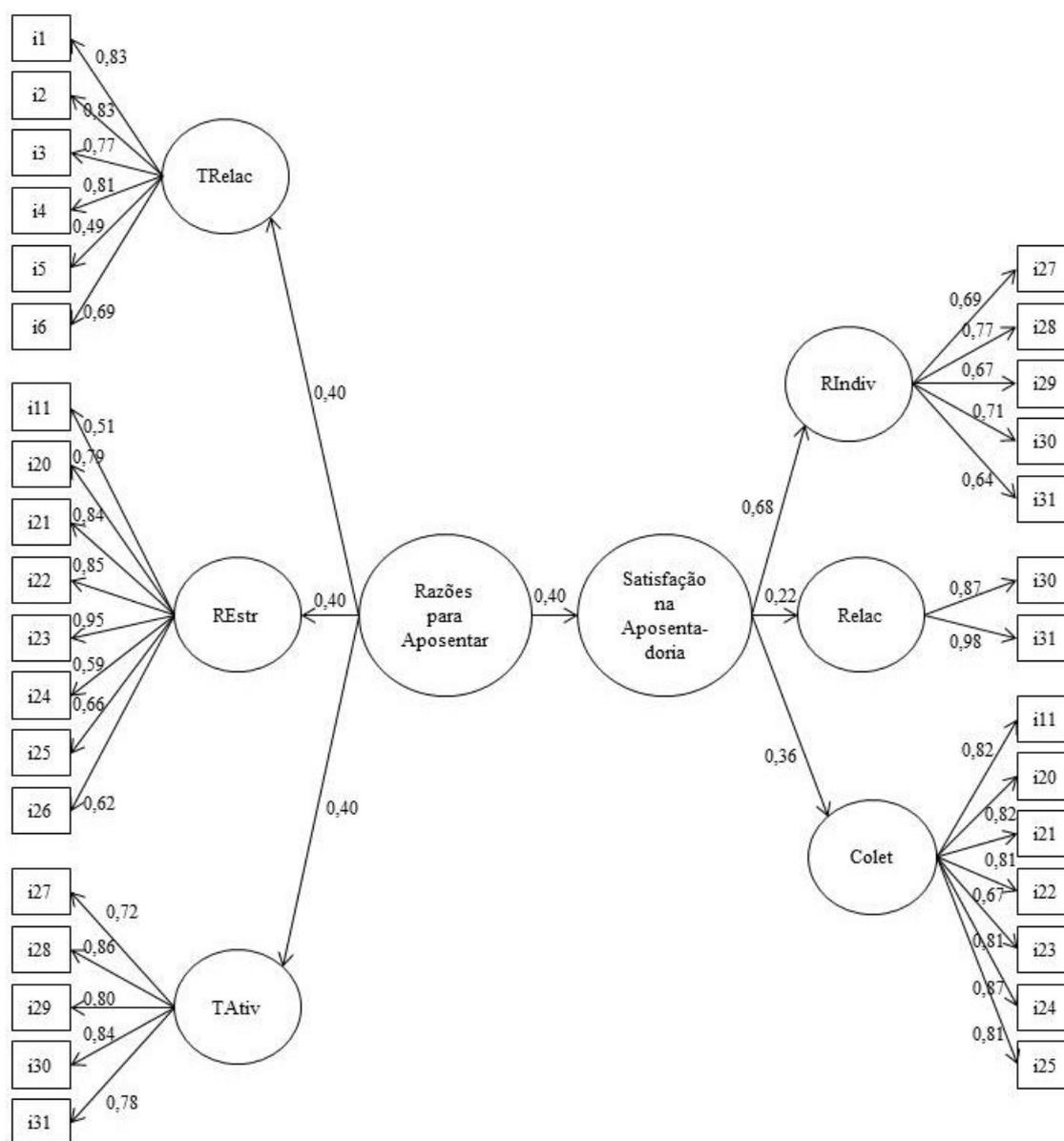


Figura 1. Modelo de razões para se aposentar com preditor de satisfação na aposentadoria (n=601)

Nota. TRelac: Tempo para relacionamentos; REstr: Redução do estresse; TAtiv: Tempo para outras atividades; RInd: Satisfação com os recursos individuais; Relac: Satisfação com os relacionamentos; Colet: Satisfação com os recursos coletivos.

Tabela 4

Variância Média Extraída (VME), correlações entre fatores das escalas de razões para aposentar e satisfação na aposentadoria (abaixo da diagonal) e coeficientes de determinação (acima da diagonal) (n = 601)

	VME	R1	R2	R3	S1	S2	S3
R1 – Tempo para relacionamentos	0,56		0,06	0,11	0,09	0,01	0,01
R2 – Redução do estresse	0,55	0,25*		0,06	0,01	0,01	0,01
R3 – Tempo para outras atividades	0,64	0,37*	0,24*		0,02	0,01	0,01
S1 – Satisfação com os recursos individuais	0,49	0,28*	0,08*	0,16*		0,02	0,04
S2 – Satisfação com os relacionamentos	0,86	0,05	0,01	0,01	0,15*		0,01
S3 – Satisfação com a qualidade de vida coletiva	0,64	0,09*	0,04*	0,05*	0,21*	0,11*	

Nota: \*p<0,05

Tabela 5

Invariância configural, métrica e escalar para sexo, escolaridade, renda familiar e região do país (n = 601)

Variáveis	Escala de Razões para se Aposentar			Escala de Satisfação na Aposentadoria		
	$\chi^2$	CFI	RMSEA	$\chi^2$	CFI	RMSEA
<b>Sexo</b>						
Configural	1345,8	0,81	0,11	619,4*	0,89	0,03
Métrica	1360,7	0,81	0,10	640,6*	0,89	0,03
Escalar	1398,9*	0,80	0,10	657,9*	0,85	0,03
<b>Idade</b>						
Configural	1649,7*	0,72	0,16	854,1	0,87	0,11
Métrica	1828,1*	0,69	0,16	889,5	0,87	0,11
Escalar	1891,8*	0,69	0,15	929,3	0,87	0,10
<b>Estado Civil</b>						
Configural	921,8*	0,81	0,11	626,7	0,87	0,10
Métrica	1018,9*	0,79	0,12	638,3	0,87	0,10
Escalar	3607,8*	0,15	0,24	654,3	0,87	0,09
<b>Escolaridade</b>						
Configural	2682,2*	0,67	0,17	2086,2	0,67	0,17
Métrica	2203,0*	0,66	0,17	2203,0	0,66	0,17
Escalar	2310,3*	0,64	0,16	2310,3	0,64	0,16
<b>Renda Familiar</b>						
Configural	2558,8*	0,62	0,19	1522,6	0,79	0,15
Métrica	2666,4*	0,61	0,18	1592,7	0,79	0,14
Escalar	2868,0*	0,59	0,18	1750,5	0,78	0,14
<b>Região do país</b>						
Configural	1899,6*	0,69	0,16	1899,6	0,69	0,16
Métrica	1979,1*	0,69	0,16	1979,1	0,69	0,16
Escalar	2075,5*	0,68	0,15	2075,5	0,68	0,15

Nota: \* $p < 0,005$ 

## DISCUSSÃO

Este estudo contou com a participação de mais de mil aposentados brasileiros residentes em todas as regiões do país, com o objetivo de verificar evidências de validade RSI para os brasileiros e sua invariância em função do sexo, idade, estado civil, escolaridade, renda e região do país, e de investigar se as razões para aposentar influenciariam a satisfação na aposentadoria. Os resultados apontaram para duas escalas com boas características psicométricas e invariância para as variáveis sociodemográficas descritas acima, exceto sexo na escala de satisfação na aposentadoria.

As análises exploratórias e confirmatórias e as análises de validade interna forneceram subsídios para cumprir o primeiro objetivo: a escala de razões para se aposentar e a escala de satisfação na aposentadoria apresentaram bons índices de ajuste separadamente, confirmando o modelo em que as razões para aposentar, como para ter mais tempo para os relacionamentos, para reduzir o estresse e para ter mais tempo para outras atividades, como o trabalho voluntário, seriam preditores de satisfação na aposentadoria. Este

resultado contrasta com as estruturas apresentadas pelos estudos realizados em outros países (Floyd et al., 1992; Fouquereau, et al., 1999; Muñoz, et al., 2011), porém corrobora com a literatura que aponta as razões para se aposentar como um fator que determina o bem-estar do aposentado (Dingemans & Henkens, 2015; Noone, et al., 2013).

Confirma-se, então, a importância relatada na literatura das questões familiares e sociais, do tempo para o lazer, e das características do trabalho para a decisão de aposentar (Guerson et al., 2018; Noone et al., 2013; Pinquart & Schindler, 2007; Yeung & Zhou, 2017). Dal Bianco et al. (2015) ressaltam que a baixa qualidade do trabalho está relacionada ao desejo de aposentar o mais rápido possível. Ruzik-Sierdzińska (2018) enfatizam o impacto que o trabalho pode causar na saúde no trabalhador e Guerson et al. (2018) enfatizam como sentimentos positivos relacionados ao trabalho, como o de produtividade, influenciam a decisão pela continuidade no trabalho. Esses resultados demonstram

a necessidade de políticas de incentivos das empresas para que seus trabalhadores permaneçam no trabalho, se assim desejarem.

França (2008) encontrou que dentre as atitudes positivas (ou percepções de ganhos) frente à aposentadoria estariam: ter mais tempo para os relacionamentos, atividades voluntárias e de lazer e o fato de se livrar de responsabilidades, compromissos e pressões relacionadas ao trabalho. De maneira semelhante, as atitudes negativas (percepção de perdas) com a aposentadoria, como perdas financeiras e a perda de identidade do trabalho, assinalados por França (2008), podem favorecer negativamente o bem-estar na aposentadoria.

Ademais, Rafalski e Andrade (2017), ao desenvolverem a escala de percepção de futuro da aposentadoria (EPFA), concluíram pela importância da percepção de fatores como saúde, desligamento do trabalho, finanças, relacionamentos pessoais e perdas na aposentadoria para a avaliação da futura transição. Os resultados de França (2008) e Rafalski e Andrade (2017) parecem corroborar, assim, que os aspectos abordados pela escala de razões para aposentar de fato favoreçam o bem-estar.

A união das escalas relacionadas à fonte de lazer com os motivos para se aposentar, denominada neste estudo como escala de razões para aposentar, revelou resultados que sugerem que essa estrutura faz mais sentido estatisticamente, além do que já havia sido apontado teoricamente (Amorim & França, 2019; Earl et al., 2015). Além dos índices de ajustes satisfatórios nas análises fatoriais exploratórias e confirmatórias e da ausência de multicolinearidade, foi encontrada invariância para todas as variáveis demográficas analisadas.

Sobre a escala de satisfação na aposentadoria, a estrutura apresentada representa uma diferença em relação aos demais estudos (Floyd et al., 1992; Fouquereau et al., 1999; Muñoz, et al., 2011), que propuseram fatores relacionados à satisfação com recursos disponíveis, como família,

atividades e serviços. Ainda sobre esta escala, os resultados de três fatores encontrados na amostra brasileira (satisfação com recursos individuais, satisfação com relacionamentos e satisfação com a qualidade de vida coletiva) era esperado, devido ao acréscimo de itens que foram sugeridos neste estudo.

Esses resultados corroboram com a estrutura encontrada pela escala de mudança em comportamento de planejamento da aposentadoria (EMCPA), desenvolvida por Leandro-França et al. (2014). Neste instrumento, o planejamento foi explicado por investimento ocupacional-social e pelo investimento em autonomia e bem-estar. Esse paralelo demonstra a importância dos dois primeiros fatores da escala de satisfação na aposentadoria, a serem contemplados no planejamento individual dos que pretendem aposentar.

A dimensão de qualidade de vida coletiva acrescida por meio de um embasamento teórico (França, 2008) deve ser testada em outros países, assim como deve ser feito o aperfeiçoamento da dimensão relativa à satisfação com relacionamentos, composta por apenas dois itens que podem não ter contemplado as atividades familiares e sociais dos aposentados tal como ela parece requerer diante da relevância dos relacionamentos como apontado por outros autores (Amorim et al., 2017; França, 2008; Price & Joo, 2005).

Foi realizada a verificação da invariância da escala de satisfação na aposentadoria em função do sexo, idade, escolaridade, renda e região de moradia, cumprindo o terceiro objetivo e o pressuposto estatístico de que os instrumentos fossem válidos de igual forma entre os sujeitos da amostra (Valentini, et al., 2017). A variável sexo foi a única que apresentou variância na escala de satisfação na aposentadoria não sendo, portanto, representativa para homens e mulheres de maneira igualitária. Neste sentido, a invariância da escala por sexo merece um aprofundamento, reforçando a necessidade de o instrumento ser replicado em outros contextos.

## CONCLUSÃO

Embora a pesquisa tenha obtido elevado número de participantes residentes de todas as regiões do país, a amostra não foi representativa dos aposentados brasileiros, já que o nível de escolaridade e de distribuição de renda foi mais elevado do que a realidade nacional (IBGE, 2017). Da mesma forma, podemos interpretar as diferenças observadas no nível socioeconômico desta amostra, que é superior ao encontrado na realidade brasileira. Esta limitação foi causada pelo fato da coleta de dados ter sido realizada por meio da internet, e, portanto, são necessários futuros com dados coletados de formas diversificadas, para a obtenção de resultados mais representativos.

Acreditamos que esse estudo tenha cumprido os objetivos de traduzir e validar um instrumento de satisfação

na aposentadoria para aposentados brasileiros, tendo as razões para se aposentar como preditor. Como consequência, avançamos com o campo teórico de aposentadoria e da psicologia positiva, ainda carente de estudos na área de avaliação psicométrica, disponibilizando um instrumento de medida para um grupo específico e importante da população.

Em termos práticos, torna-se disponível um instrumento que pode enriquecer o entendimento sobre a aposentadoria dos brasileiros, em um momento tão necessário, sendo possível utiliza-lo em todo país, nos contextos onde as avaliações podem ser úteis, como, por exemplo, nos programas de preparação para a aposentadoria.

Estudos futuros devem ainda utilizar esse instrumento em delineamentos de pesquisa mais complexos. Isso

significa contemplar nos modelos de satisfação variáveis relacionadas não apenas às razões para se aposentar mas aos recursos pessoais, variáveis demográficas dos aposentados, características do trabalho anterior à aposentadoria, atividades realizadas pelo aposentado e características da aposentadoria (Amorim & França, 2019).

Ademais, as comparações do uso deste instrumento em outros países se mostram essenciais para verificar a aplicabilidade da estrutura proposta em outros contextos e discutir os componentes da satisfação na aposentadoria. Estudos longitudinais são também necessários para a comparação da satisfação dos trabalhadores antes e após a

aposentadoria, bem como a inclusão de outros preditores que possam influenciar esta satisfação em diferentes cenários e em diferentes épocas da vida dos participantes.

Pelo fato da aposentadoria ser multideterminada, é preciso que a investigação se paute na diversidade de variáveis relacionadas a este evento. Isso, sem dúvida, poderá contribuir para o entendimento desse fenômeno no contexto brasileiro de maneira mais assertiva. Novas pesquisas poderão oferecer um escalonamento tanto da relevância dos preditores quanto da urgência de alguns aspectos que precisam ser tratadas no planejamento para a aposentadoria, visando o bem-estar nesta fase.

## REFERÊNCIAS

- Amorim, S. M., & França, L. H. F. P. (no prelo). Satisfação na Aposentadoria: Uma revisão sistemática de literatura. *Temas em Psicologia*.
- Amorim, S. M., França, L. H. F. P., & Valentini, F. (2017). Predictors of happiness among retired from urban and rural areas in Brazil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 30(2), 1-8. doi: 10.1186/s41155-016-0055-3
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programing*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cho, J. & Lee, A. (2013). Life satisfaction of the aged in the retirement process: A comparative study of South Korea with Germany and Switzerland. *Applied Research in Quality of Life*, 9(2), 179–195. doi: 10.1007/s11482-013-9237-7
- Costa, B. R. L. (2018). Bola de neve virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 7(1), 15-37.
- Dal Bianco, C., Trevisan, E., & Weber, G. (2015). “I want to break free”. The role of working conditions on retirement expectations and decisions. *European Journal of Ageing*, 12(1), 17-28. doi: 10.1007/s10433-014-0326-8
- Damasio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (2000). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–74. doi: 10.1207/s15327752jpa4901\_13.
- Diener, E., Eunkook, M. S., Richard E. L., & Heidi L. S. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302. doi: 10.1037/0033-2909.125.2.276
- Dingemans, E., & Henkens, K. (2015). How do retirement dynamics influence mental well-being in later life? A 10-year panel study. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 41(1), 16-23. doi:10.5271/sjweh.3464
- Dorfman, L. T. (1995). Health conditions and perceived quality of life in retirement. *Health & Social Work*, 20(3), 192-199. doi: 10.1093/hsw/20.3.192
- Earl, J. K., Gerrans, P., & Halim, V. A. (2015). Active and adjusted: Investigating the contribution of leisure, health and psychosocial factors to retirement adjustment. *Leisure Sciences*, 37, 354–372. doi: 10.1080/01490400.2015.1021881
- Floyd, F. J., Haynes, S. N., Doll, E. R., Winemiller, D., Lemsky, C., Burgy, T. M., Werle, M., & Heilman, N. (1992). Assessing retirement satisfaction and perceptions of retirement experiences. *Psychology and Aging*, 4(2), 609-621. doi: 10.1037/0882-7974.7.4.609
- Fouquereau, E., Fernández, A., & Mullet, E. (1999). The Retirement Satisfactory Inventory: Fator structure in a french sample. *European Journal of Psychological Assessment*, 15(1), 49-56. doi: 10.027//1015-5759.15.1.49
- França, L. H. F. P. (2008). *O desafio da Aposentadoria: O exemplo dos executivos do Brasil e da Nova Zelândia*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- França, L. H. F. P., & Hershey, D. (2018). Financial preparation for retirement in Brazil: a cross-cultural test for interdisciplinary financial planning model. *Journal of Cross-cultural Gerontology*, 33(2). doi: 10.1007/s10823-018-9343-y
- Guerson, L. R. S. C., França, L. H. F. P., & Amorim, S. M. (2018). Life satisfaction in retirees who are still working. *Paideia*, 28(e2812), 1-8. doi: 10.1590/1982-4327e2812
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Síntese dos Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Brasília: IBGE.
- Leandro-França, C., Giardini Murta, S., & Iglesias, F. (2014). Planejamento da aposentadoria: Uma escala de mudança de comportamento. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 75-84.
- Mendonça, H., Ferreira, M. C., Porto, J., & Zanini, D. S. (2012). Saúde, qualidade de vida e bem-estar: Limites e interfaces. In Ferreira, M. C. & Mendonça, H. (Orgs.), *Saúde e bem-estar no trabalho: Dimensões individuais e culturais* (pp. 11-34). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Miles, J. N. V., & Shevlin, M. E. (2001). *Applying regression and correlation: A guide for students and researchers*. London: Sage Publications.
- Muñoz, J. J. F., Díaz, A. C., & la Hela, C. M. A. (2011). La transición hacia el retiro: Adaptación en una muestra de prejubilados españoles de la escala Retirement Satisfaction Inventory. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, 46(3), 139-146. doi: 10.1016/j.regg.2010.11.009
- Noone, J., O’Loughlin, K., & Kendig, H. (2013). Australian baby boomers retiring ‘early’: Understanding the benefits of retirement preparation for involuntary and voluntary retirees. *Journal of Aging Studies*, 27, 207–217. doi: 10.1016/j.jaging.2013.02.003
- Pinquart, M., & Schindler, I. (2007). Changes of life satisfaction in the transition to retirement: A latent-class approach. *Psychology and Aging*, 22(3), 442–455. doi: 10.1037/0882-7974.22.3.44
- Poortinga, Y. H. (1989). Equivalence of cross-cultural data: An overview of basic issues. *International Journal of Psychology*, 24(1), 737–756. doi: 10.1080/00207598908246809
- Price, C. A., & Joo, E. (2005). Exploring the relationship between marital status and women’s retirement satisfaction. *The*

- International Journal of Aging and Human Development*, 61(1), 37-55. doi: 10.2190/TXVY-HAEB-X0PW-00QF
- Quick, H. E., & Moen, P. (1998). Gender, employment, and retirement quality: A life course approach to the differential experiences of men and women. *Journal of Occupational Health Psychology*, 3(1), 44-64. doi: 10.1037/1076-8998.3.1.44
- Rafalski, J. C., & Andrade, A. L. (2017). Desenvolvimento da Escala de Percepção de Futuro da Aposentadoria (EPFA) e correlatos psicossociais. *Psico-USF*, 22(1), 49-62. doi: 10.1590/1413-82712017220105
- Ruzik-Sierdzińska, A. (2018). An attempt to identify factors influencing retirement decisions in Poland. *Acta Universitatis Lodziensis*, 4(336), 43-59. doi: 10.18778/0208-6018.336.03
- Siguaw, J. A., Sheng, X., & Simpson, P. M. (2016). Biopsychosocial and retirement factors influencing satisfaction with life: New perspectives. *The International Journal of Aging and Human Development*, 0(0), 1-22. doi: 10.1177/0091415016685833
- Silva, N., & Boehs, S. T. M. (2017). Psicologia positiva: Historicidade, episteme, ontologia, natureza humana e método. In S. T. M. Boehs & N. Silva (Orgs.), *Psicologia positiva nas organizações e trabalho: Conceitos fundamentais e sentidos aplicados* (pp. 22-41). São Paulo: Vetor.
- Smith, P. C., Kendall, L. M., & Hulin, C. L. (1969). *The measurement of satisfaction in work and retirement: A strategy for the study of attitudes*. Chicago, IL: Rand McNally.
- Valentini, F., Franco, V. R., & Iglesias, F. (2017). Introdução à análise de invariância: Influência de variáveis categóricas e intervalares na parametrização dos itens. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Instrumentos psicológicos: Manual de desenvolvimento* (pp. 347-376). São Paulo: Vetor.
- Van Solinge, H., & Henkens, K. (2008). adjustment to and satisfaction with retirement: Two of a kind? *Psychology and Aging*, 23(2), 422-434. doi: 10.1037/0882-7974.23.2.422
- Yeung, D. Y., & Zhou, X. (2017). Planning for retirement: Longitudinal effect on retirement resources and post retirement well-being. *Frontiers in Psychology*, 8, 1-14. doi: 10.3389/fpsyg.2017.01300
- Yu, D., & Yang, Y. (2015). Measurement equivalence of a concise customer engagement metric across country, language, and customer types. *Public Opinion Quarterly*, 79, 325-358. doi: 10.1093/poq/nfv009
- World Health Organization. (2018). *Ageing and health*. Recuperado de <http://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>